

**A ARITMÉTICA NOS CADERNOS ESCOLARES: o cadernos de  
Márcia Moreira de Sousa em questão**

Rosilda dos Santos Morais<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente estudo é parte de uma pesquisa em andamento que vem sendo realizada por esta autora em diferentes contextos na qual se busca analisar saberes matemáticos que foram se tornando objetivados a partir da atuação de experts da educação. Para este texto, escolheu-se o caderno de Márcia Moreira Sousa como fonte e, no exercício de análise, alguns temas foram levantados, por exemplo, quais os motivos que levaram à mudança de nome da Cadeira de Aritmética para Cadeira de Matemática? A metodologia adotada com a mudança de nomes também sofreu alteração, constatação da análise realizada. Quais elementos nortearam essas mudanças? Para responder a essas perguntas, mais pesquisas e entrecruzamentos com outras fontes deverão ser realizadas, o que caracteriza este como um trabalho em processo. Essa tarefa visa propor um panorama que diz da atuação desses sujeitos, os *experts*, como vetores de objetivação de saberes.

**Palavras-chave:** *experts*; aritmética, formação de professores, escolas normais.

**1. Os cadernos escolares: o que possibilitam eles à historiografia?**

O pesquisador Antônio Viñao (2008, p.17) afirma que “constatar apenas que os cadernos escolares vêm sendo nos últimos anos uma fonte-objeto de especial estudo e atenção desde a história da educação oculta a diversidade de perspectivas e interesses, geralmente complementares, de onde a dita atenção se originou”. Para esse pesquisador, os cadernos escolares “não são apenas um produto da atividade realizada nas salas de aula [...] e da cultura escolar, mas também uma fonte que fornece informação – por meio, sobretudo, de redações e composições escritas – da realidade material da escola e do que nela se faz” (VIÑAO, 2008, p.16).

Ainda se pode ler em Viñao (2008) que os cadernos escolares possibilitam estudar diferentes ideologias e valores do meio escolar, pois eles possibilitam uma aproximação

---

<sup>1</sup> Docente na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Diadema, Diadema, São Paulo.  
E-mail: rosildamorais7@gmail.com

mais fidedigna à realidade e às práticas escolares, e, além disso, reformas e inovações educativas podem ser identificadas ao analisar esse documento. Sobre esse último aspecto, o pesquisador destaca que

Se um dos problemas mais característicos da implantação e difusão das reformas e inovações é a defasagem ou distância existente entre as propostas teóricas, a legalidade e as práticas docentes e discentes, os cadernos escolares constituem uma fonte valiosa na hora de conhecer e analisar de um modo bastante confiável tanto os processos de implantação e difusão mencionados como os de hibridação, adaptação, acomodação, rechaço ou aceitação que costumam acompanhá-los (VIÑAO, 2002, pp.82-120 apud VIÑAO, 2008, p.17).

Nessa esteira, destaca-se que este texto, resultado de uma pesquisa em processo, tem por objetivo ir aos cadernos escolares buscando identificar, neles, como disse Viñao, processos de implantação e difusão de saberes matemáticos que refletem movimentos externos à escola, como os ditados por normativas, legislações mas, sobretudo, por movimentos liderados por especialistas da educação, os *experts* da educação.

## **2. Os experts como vetores de objetivação de saberes**

Em uma conversa, em 1972, entre Michel Foucault e Gilles Deleuze, publicada em 1979 sob o título “Os intelectuais e o poder<sup>2</sup>”, Foucault diz que sua impressão era a de que a politização de um intelectual tradicionalmente se fazia com base em duas coisas: em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, “maldito”, acusado de subversão, de imoralidade etc.); em segundo lugar, seu discurso enquanto revelava uma determinada verdade, descobria relações políticas onde normalmente elas não eram percebidas. Essas duas formas de politização, disse Foucault, não eram estranhas uma em relação à outra, embora não coincidissem necessariamente. Havia o tipo do intelectual “maldito” e o tipo do intelectual socialista. Essas duas formas

---

<sup>2</sup> A conversa citada é parte do livro “Microfísica do Poder”, de Michel Foucault, organizado por Roberto Machado, 3ª. Ed., Editora Paz & Terra, Rio de Janeiro, 2015. 1ª. Ed. 1979.

de politização, para Foucault, facilmente se confundiram em determinados momentos de reação violenta de poder, depois de 1848, depois da Comuna de Paris, depois de 1940:

o intelectual era rejeitado, perseguido, no momento mesmo em que as “coisas” apareciam em sua “verdade”, no momento em que não se devia dizer que o rei estava nu. O intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência (FOUCAULT, 2015, p. 131).

Todavia, Foucault destaca que os intelectuais descobriram, mais recentemente, que “as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem” (Ibid.). Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Para Foucault, os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar

‘um pouco na frente ou um pouco de lado’ para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da consciência, do discurso (Ibid.)

O intelectual em Foucault é, neste texto, o sujeito de objetivação de saberes, o *expert*. Isso porque, são esses os sujeitos que, por meio do discurso, de práticas, fazem circular aqueles saberes que julgam eles devam ser os mais adequados, apropriados num determinado tempo, numa determinada época. Entretanto, de nada adianta esse movimento se essas práticas, esses discursos, não ganharem forma, não se objetivarem em legislações, normativas, práticas de sala de aula. Tal como afirma Deleuze, na citada conversa com Foucault,

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma

teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas (FOUCAULT, 1979, p.132).

Analisar o papel dos *experts* da educação tem sido o foco da atenção pesquisadores ao redor do mundo (HOFSTETTER et al., 2013; VILLELA et al.; 2016). A chamada para participar deste evento, “XV Seminário Temático: cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990”, levou esta pesquisadora a buscar em cadernos escolares como vinha sendo trabalhada a Aritmética (Matemática) no curso de formação de professores. Por certo os rastros encontrados nos cadernos analisados não abarcam, *per si*, o objetivo maior deste texto, muito já mencionado, a análise do papel dos *experts*, mas configuram-se, eles, como mais uma fonte de pesquisa rumo à identificação desses sujeitos como vetores de objetivação de saberes. Nessa direção, colocam-se as seguintes interrogações: Quem (ou quais) foram os *experts* da educação no Brasil no limiar do século XX? Qual foi a influência desses agentes na forma de conceber e pensar o ensino de Matemática?

### 3. A IDA AOS DOCUMENTOS: Os Cadernos Escolares como fontes de pesquisa

Um exercício inicial para a escrita deste texto levou esta autora ao Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)<sup>3</sup> tendo em vista a chamada deste evento, “XV Seminário Temático: Cadernos escolares de alunos e professores e a educação matemática, 1890-1990”. No momento da escrita deste texto<sup>4</sup>, na pasta “cadernos escolares”, naquele espaço, o número de cadernos era 216.

Este acervo, especialmente no âmbito dos cadernos escolares, objeto de análise deste texto, constitui-se em um espaço singular de armazenamento de documentos e tem se apresentado como um lócus importante para a pesquisa em história da educação, história da educação matemática, “especialistas em currículo e formação de professores e os psicólogos, entre outros, preocupados em examinar o vivido na sala de aula” (MIGNOT,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/> Acesso em 21 fev. 2017.

<sup>4</sup> Esse número tende a aumentar tendo em vista uma campanha nacional liderada pelo Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática (GHEMAT), São Paulo, que vem efetuando chamadas em eventos científicos nas quais a comunidade é convidada a trazer seus cadernos escolares antigos para que o grupo possa digitalizar e disponibilizar no Repositório.

2008, p.7). Assim, os cadernos escolares tem se constituído em objetos ou fontes de pesquisas que se voltam exclusivamente à análise desses documentos.

A pesquisa realizada no repositório por esta autora se deu, inicialmente, sem nenhuma classificação. Em etapa seguinte elegeu-se cadernos até 1960, aqueles relativos a cursos de formação de professores. A temática “formação de professores” vem sendo estudada em perspectiva histórica por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática (GHEMAT), São Paulo, no âmbito de projetos temáticos, razão desta escolha. Uma dessas pesquisas está em desenvolvimento por esta autora, na qual se analisa documentos produzidos nas Conferências Nacionais de Educação, realizadas no período de 1927 a 1954, no Brasil, buscando identificar o papel desempenhado pelos *experts* da educação, no cenário das conferências, como também se volta a investigar os saberes matemáticos que circulavam nos discursos presentes nesse contexto.

Na pesquisa por cadernos considerou-se, ainda, os relativos a Aritmética (ou Matemática), buscando pelos título e resumo apresentados nas fichas do repositório. Por certo que essa classificação poderia estar desconsiderando outros cadernos do período em análise, tendo em vista não trazerem as informações no título ou resumo. Mas, como toda classificação implica em delimitação, assumiu-se o risco mantendo-se, assim, em aberto para novas classificações, se necessário fosse...

#### **4. O caderno do 1º ano do curso de adaptação de Márcia Moreira Sousa**

Na pesquisa no repositório, identificou-se que não há muitos cadernos de Aritmética (ou Matemática) no período de 1927 a 1954 relativos à formação de professores. Uma exceção, que certamente chamou atenção desta autora, é o caderno de Márcia Moreira Sousa, seu diário do 1º ano de adaptação em um curso de normalistas, na cidade de Muzambinho, estado de Minas Gerais, ano de 1933. Por ser ele um caderno de estudante em curso de formação de professores, o interesse desta autora foi o de ir a esse documento buscando identificar o que ele poderia revelar em termos da Aritmética (ou Matemática) ensinada naquela turma.

Na ficha de apresentação do caderno de Sousa, como a identificaremos neste texto, lê-se as seguintes informações: “Cadernos de classe (português, aritmética, matemática,

ciências, geografia, história do brasil, francês, desenho)” e, ainda, fala-se sobre as características físicas do caderno, referindo-se à capa, do tipo brochura, preta e vermelha, sem cobertura. Há 93 páginas, todas preenchidas, pautado, com dimensões 16,5cm x 23,5 cm. O exemplar físico pertence ao acervo de COMPASSO – DF, diz o documento.

A ficha de apresentação do caderno, acredita-se, tem como propósito propiciar ao leitor pensar sobre a materialidade do documento tendo em vista que sua pesquisa será toda realizada a partir de documento digital. Demais informações são encontradas ao acessar o arquivo, constante também no referido Repositório, passo seguinte dado pelo pesquisador à análise da ficha. No caso do caderno de Sousa, chamou atenção desta autora o ano no qual suas folhas, até então em branco, foram preenchidas: 1933. Além disso, trata-se de um caderno de uma professora em formação, na verdade, de um “diário” de uma professora em formação no 1º ano do curso de adaptação.

Nos limites deste texto, assumiu-se o caderno de Sousa como fonte única de análise, todavia, objetivos maiores desta autora antecipam seu interesse em avançar o estudo de outros cadernos de mesma natureza.

#### **4.1 O caderno de Souza**

Conforme a ficha de apresentação, trata-se de um caderno de capa dura, brochura, nas cores preto e vermelho, conforme imagem a seguir:

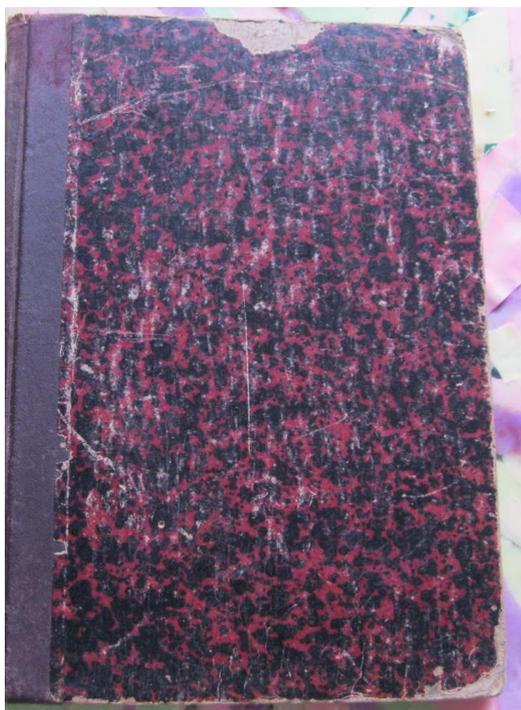


figura 1 – capa do caderno de Márcia Moreira Sousa (1933)

Sousa, na contracapa do caderno, figura 2, esboça o horário de aulas, no qual constam três aulas semanais de Aritmética (a qual ela nomeia de “cadeira”), às segundas, quartas e sextas feiras, das 8h às 8h55min. Todas as manhãs eram preenchidas com aulas, inclusive aos sábados, com cadeiras de: Português, Francês, Aritmética, Educação Física, Desenho, Trabalho, Ciências, Geografia e Música. Não havia na grade apresentada a cadeira de História, como mostra a imagem a seguir:

The image shows a handwritten calendar page titled "Horario" (Schedule). The columns represent the days of the week: 1ª feira, 2ª feira, 3ª feira, 4ª feira, 5ª feira, 6ª feira, and sábado. The rows represent different subjects or activities. The entries are as follows:

	1ª feira	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	sábado
20/9/10							
21/9/10	Francis Musica						
22/9/10							
23/9/10	Arithmetica Trabalho						
24/9/10							
25/9/10	Portugues B. L. L. L. L. L.						
26/9/10							
27/9/10	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	
28/9/10							
29/9/10	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	
30/9/10							
1/10/10	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	Portugues	

figura 2 – contracapa do caderno Márcia Moreira Sousa (1933)

O caderno de Sousa é organizado em “cadeiras”, sendo a primeira parte destinada à Português e a segunda à Aritmética. As demais cadeiras vêm na sequência. Será despendido tempo, neste texto, à cadeira de Aritmética, ministrada pela “Professora D. Maria Carina de Almeida”, conforme Sousa se referia à sua professora.

Para fins de organização do caderno, Sousa separa, em um quadro, dia do mês, em uma coluna, e “pontos” (temas) a tratar, em uma outra, na sequência da primeira, conforme imagem a seguir

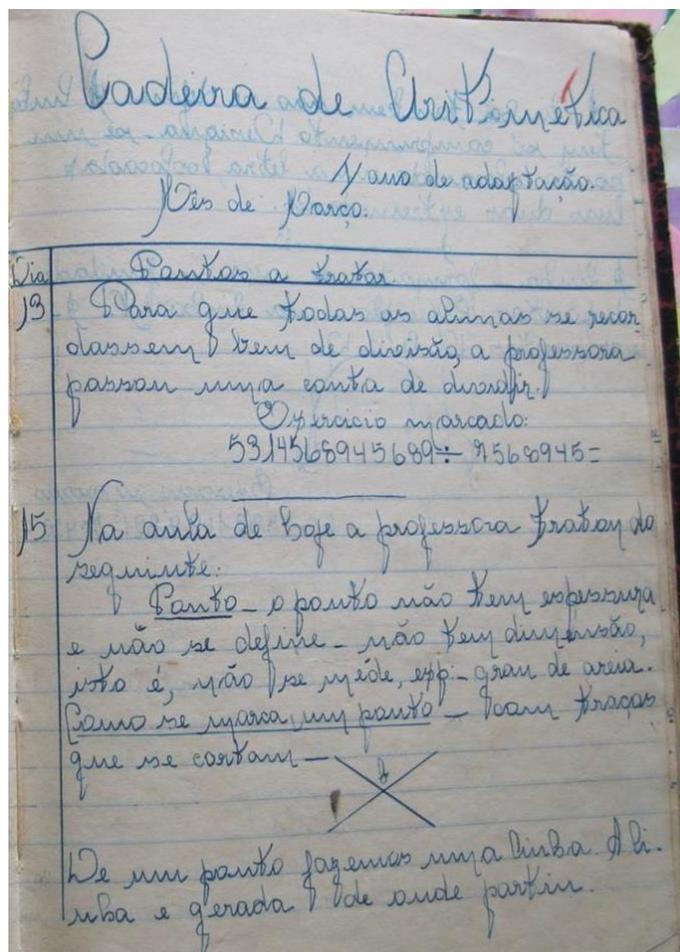


Figura 3 – Primeira página do caderno de Márcia Moreira Souza

Logo de início, no dia 13 de março de 1933, uma frase diz do sexo dos matriculados nessa cadeira (conforme figura 3), o feminino: “Para que todas as alunas se recordassem bem da divisão, a professora passa uma conta de dividir. Exercício marcado:  $5314568945689 : 7568945$ ” (SOUSA, 1933, s/p., grifo nosso). Essas foram as notas de aula no caderno de Sousa no dia 13 de Março de 1933.

Embora a cadeira seja de Aritmética, na aula do dia 15 de março de 1933 foram tratados, também, temas de Geometria. Inicialmente discutiu-se noções de “ponto e linha”, bem como um “exercício marcado” envolvendo divisão: “ $6814321698321 : 75432$ ” (SOUSA, 1933, s/p.). As notas indicam que “de um ponto fazemos uma linha. A linha é gerada de onde ele partiu” e que, como no ponto, “linha não se define” e é, ela, “formada de uma infinidade de pontos”

Na aula seguinte, 17 de março de 1933, as notas no caderno de Sousa indicam definições de reta (linha reta, semi-reta, reta suporte, semi-reta oposta e segmento de reta) e novos “exercícios marcados”, mas, desta vez, envolvendo as quatro operações básicas, isto é, adição, subtração, multiplicação e divisão.

Dia 20 de março, Sousa anota em seu caderno que a aula foi iniciada com a professora arguindo as alunas sobre os temas tratados na aula anterior, além de explicar novos temas da Geometria, tais como segmentos colineares, linha poligonal ou quebrada, dentre outros. As aulas que sucederam a essa tiveram suas notas no cadernos de Sousa bastante reduzidas, com explicações de ordem geral que indicam terem continuado a discutir Geometria até a primeira avaliação, que ocorreu no final de março de 1933.

O mês de abril de 1933 é iniciado e, com ele, as notas de aula indicam que conteúdos de Geometria imperavam nas aulas de Aritmética. Os conteúdos abordados ao longo do mês nessa cadeira compreenderam: superfície, corpo sólido ou geométrico, volume, polígonos e paralelepípedo. Além dos temas de Geometria citados, com respeito a Aritmética, nas notas de aula identificou-se, no dia 10 de abril, dois “exercícios marcados”: um que requeria o cálculo de uma expressão numérica envolvendo as operações de subtração, multiplicação e divisão e um segundo que, na verdade, se tratava de um problema de Aritmética, com os seguintes dizeres: “Um negociante comprou 2383 carneiros, vendeu dias depois 652 e, mais tarde, dois terços do resto. Quantos ficaram? Nos demais dias do mês de Abril, nas aulas de Aritmética, além de expressões numéricas, foram propostas atividades que pediam para escrever os números por extenso.

Sousa destaca, ainda, em suas notas de aula que a professora Maria Carina tinha como prática arguir as alunas sobre temas tratados em sala. Essa prática se fazia presente no decorrer do período letivo. De outra parte, ao final de cada mês uma prova de Aritmética era aplicada e, ainda, a professora Maria Carina corrigia o caderno das alunas utilizando-se de lápis de colorir, na cor vermelha. Essas correções evidenciam aspectos, no mínimo, interessantes para a pesquisa historiográfica, alguns dos quais serão aqui trazidos.

Até o encerramento do mês de Junho, a professora Maria Carina corrigia o caderno de Sousa e, para além de acentuar a palavra Aritmética, em quase todas as vezes que aparecia a expressão “Cadeira de Aritmética”, as entradas da professora se davam mais no sentido de orientar a aluna à uma melhor organização do caderno, como também a

problemas relativos à Língua Portuguesa. No dia 03 de julho de 1933, possivelmente a primeira aula segundo semestre letivo, à frente da citada expressão, a professora Maria Carina escreve “Matemática” com lápis colorido vermelho, o mesmo utilizado nas correções. A palavra Aritmética é riscada. Nada se pode identificar nas notas de aula sobre o porquê dessa mudança, a qual Sousa leva um tempo para se adaptar, pois até o mês de Setembro a professora Maria Carina segue repetindo a mesma prática, ora sublinhando a palavra Aritmética, ora colocando-a entre parênteses indicando a necessidade de alteração no nome da cadeira, de “Cadeira de Aritmética” para “Cadeira de Matemática”. Em setembro Sousa passa a escrever “cadeira de matemática”. Essa confusão é identificada também nas notas de aula de Sousa, quando ela deveria, por exemplo, escrever “problema de Matemática”, escrevia “problema de Aritmética”. Enganos esses também corrigidos pela professora Maria Carina.

A análise do caderno de Sousa revelou que, com a mudança de nome da cadeira, houve também mudança no desenvolvimento das aulas relativas ao conteúdo ensinado. Até o mês de junho de 1933, como já mencionado, atenção especial era dada a Geometria com pouca ênfase à Aritmética, ressalte-se que nesse momento a cadeira era de Aritmética. Em julho, as notas de aula de Sousa indicaram que a cadeira se voltava quase que exclusivamente para o ensino de Aritmética mas, desta vez, em vez de apenas efetuarem divisões, multiplicações ou calcularem os valores de expressões numéricas, a metodologia adotada era a de teorizar sobre os conteúdos a serem ensinados antes dos cálculos literais, como se pode ver no excerto a seguir:

Somar é reunir o valor de dois ou mais números em um só. Os números que se somam chamam-se parcelas e o resultado da operação chama-se soma ou total. O sinal + escrito entre 2 números mostra que este dois números devem se somar:  $2 + 5 = 7$ . A ordem das parcelas não altera uma soma. Todas as parcelas de uma soma devem ser quantidades da mesma espécie. Não podemos reunir em um só número quantidades de espécies diferentes; 2 penas, 2 lápis não são 5 penas nem 5 lápis. Só podemos somar quantidades homogêneas. A soma é sempre da mesma espécie que as parcelas (SOUSA, 1933, caderno de aluno, s/p.).

As notas de aula de Sousa indicam que o ensino de regras para a soma também era evidenciado, como no excerto à seguir:

Regra – Para se somar escrevemos três (as) parcelas umas debaixo das outras, de sortes que as unidades da mesma ordem fiquem em coluna. Então diremos: 2 e 8 são dez que escrevemos o debaixo das unidades, levaremos um para somar com as dezenas; diremos 1 e 5 são 6 e 2 são 8 que escrevemos debaixo das dezenas. Passando às centenas, continuaremos 2 e 3 são 5 que escrevemos debaixo das centenas. O número será pois 580 (Ibid.; *sic.*)

Na sequência Sousa discute como se faz para tirar a prova real da operação citada, fala-se sobre as propriedades da adição, diz-se que a soma é uma operação unívoca, associativa e comutativa e, por fim, aparece uma nota dizendo: “exercício marcado: Alvaro guarda tantos niqueis de 400 (\$), quantos 1000 (\$) recebe por mês. Pede-se a quantia que conseguiu reunir Alvaro no fim do mês de Setembro se faltou 5 dias ao trabalho, sabendo-se que guarda 180 000 (\$) por mês”. (Ibid.; *sic.*) O que Sousa nomeia, aqui, de “exercício marcado”, em algumas notas ela muda esse título para “exercício escrito”.

Avançando na análise do caderno de Sousa, no dia 19 de agosto de 1933 identifica-se o que ela nomeou de “aula especial”. Nesta “aula especial” o tema tratado foi “posição relativa de retas e planos”, ou seja, temas de Geometria. Ainda nesse mês de agosto, no dia 26, uma outra “aula especial” foi ministrada cujo tema trabalhado foi “ângulos” e “tipos de ângulos”. Em setembro de 1933 houve mais duas “aulas especiais”, de Geometria. A partir de então, elas não foram mais identificadas nas notas de aula de Sousa. Assim, no segundo semestre de 1933, conforme as notas de aula de Sousa, as aulas de Geometria se resumiram a quatro encontros. Nos meses de outubro e novembro, a expressão “aula especial” passou a ser utilizada para tratar do estudo de frações.

## **5. Considerações preliminares**

Em uma das chamadas deste texto uma interrogação se põe a saber o que possibilitam os cadernos escolares à historiografia. Na esteira do que disse Antonio Viñao (2008), podem eles possibilitar “conhecer e estudar essa ‘caixa preta’ da história da educação – que eram, e seguem em boa parte sendo, a realidade e as práticas escolares, a

vida cotidiana nas salas de aula e nas instituições educativas” [...] (VIÑAO, 2008, p. 16). O caderno de Sousa é um bom exemplo disso...

Dos rastros deixados por Sousa em seu caderno, muito poderia ser dito... Muito sobre a prática da professora Maria Carina, sobre como ela conduzia seu ofício de professora. Ainda poderia ser discutida a grade de horários apresentada tendo em vista a ausência da cadeira de História. De outra parte, uma análise da Aritmética (ou Matemática) ensinadas no 1º ano de adaptação deverá ser conduzida em paralelo ao estudo que vem sendo realizado por esta autora relativo aos experts buscando, com esse exercício, identificar esses saberes como frutos, ou não, de seus discursos. Essa tarefa será levada, ainda que parcialmente, para a apresentação deste trabalho no Seminário. Não é tarefa difícil elencar uma série de temas que poderiam ser discutidos historiograficamente a partir do caderno de Sousa, mas os limites deste texto impedem esta prática. Assim, dois temas convém serem problematizados. Um deles diz respeito à mudança de nome da cadeira. Para essa análise, urge a necessidade de buscar em normativas, legislações, discursos de experts o que vinha acontecendo para além dos intramuros da escola. Essa mudança não pareceu ter sido acordada no início do semestre, como se pode identificar na grade de horários. Fica essa investigação para um momento futuro.

É possível, ainda, a partir das notas de aula, inferir sobre a mudança na metodologia adotada pela professora de um semestre letivo para outro. Pode-se afirmar que no primeiro semestre os saberes em questão estavam mais na direção de uma “matemática *a* ensinar” (HOFSTETTER et al. 2009; BORER, 2009) do que de uma “matemática *para* ensinar” (Ibid.). Em se tratando de um curso de formação de professores, não se identifica uma preocupação em como formar o professor para além da matemática *a* ensinar, isto é, se se sabe bem matemática, então serás um bom professor. No segundo período letivo, quando a Geometria perde espaço para a Matemática (antiga Aritmética), identifica-se as aulas sendo conduzidas no sentido de uma matemática *para* ensinar, pois o foco estava centrado em como aqueles conceitos deveriam ser ensinados.

Para fins de finalização deste texto destaca-se aqui a necessidade de relacionar os dados produzidos a partir do caderno de Sousa aos já produzidos por esta autora em outro contexto, o das conferências, sobretudo relativo aos experts da educação. Um trabalho intenso será realizado desejando levar resultados desta análise para a apresentação oral.

## **6. Referências Bibliográficas**

BORER, V. L. **Les savoirs: un enjeu crucial de l'institutionnalisation des formations à l'enseignement.** IN: Rita Hofstetter *et al.* (2009). *Savoirs en (trans)formation – Au cœur des professions de l'enseignement et de la formation.* Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2009, p. 41-58.

Caderno escolar de Márcia Moreira Sousa. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/166685> Acesso em 05 março de 2017.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** 1979. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 3. ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOFSTETTER, R. *et al.* **Savoirs en (trans)formation – Au cœur des professions de l'enseignement et de la formation.** Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2009.

VIÑAO, A. **Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos.** 2008. In: *Cadernos à vista – escola, memória e cultura escrita.* Ana Chrystina e Venancio Mignot (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ. pp. 15-33.